



O furto e a saudade: relações entre fiéis e patrimônio sacro em Vigia-PA

Theft and health: relations between the faithful and sacred heritage in Vigia-PA

Rafaela do Socorro Moraes Favacho

Resumo

Essa pesquisa é fruto de um projeto correspondente a uma observação no município de Vigia localizado na mesorregião do Nordeste do Pará, uma das cidades mais antigas do estado, objetivando compreender como o furto de imagens sacras influenciou a memória social do povo de Vigia e quais os aspectos simbólicos perpetuados nas gerações, considerando a moral e valores que repercutiram na época e se estes estão vivos atualmente no contexto das novas gerações. A metodologia se deu por levantamentos de fontes bibliográficas tratando de furtos de arte sacra no Brasil, especificamente no Pará e suas cidades, considerando também documentos como jornais, boletins, revistas, fotos de época e outros documentos históricos, dando ênfase ao furto das imagens de Nossa Senhora de Nazaré e de São Luís Gonzaga, além de entrevistas com pessoas que vivenciaram o caso juntamente com outras do período atual. A pesquisa teve constatações iniciais sobre a realidade das pessoas que perdem suas simbologias envolvendo a presença de furto nas instituições religiosas pesquisadas que constitui elo entre arte-crença-sociedade, ao lado de sua coletividade no que pulsa sua fé.

Palavras-chave: Memória social. Simbologias. Fé.

Abstract

This research is the result of a project corresponding to an observation in the municipality of Vigia located in the mesoregion of Northeast Pará, one of



the oldest cities in the state, aiming to understand how the theft of sacred images influenced the social memory of the people of Vigia and which symbolic aspects perpetuated in the generations, considering the morals and values that reverberated at the time and if they are alive today in the context of the new generations. The methodology was based on surveys of bibliographic sources dealing with thefts of sacred art in Brazil, specifically in Pará and its cities, also considering documents such as newspapers, bulletins, magazines, period photos and other historical documents, emphasizing the theft of images of Nossa Senhora de Nazaré and São Luís Gonzaga, in addition to interviews with people who experienced the case together with others from the current period. The research had initial findings about the reality of people who lose their symbologies involving the presence of theft in the researched religious institutions that constitute a link between art-belief-society, alongside their collectivity in which their faith pulses.

Keywords: Social memory. Symbologies. Faith.

Introdução

A cidade de Vigia, localizada na mesorregião do Nordeste do Pará, é uma das cidades mais antigas do estado, com registros históricos de fundação no dia 06 de janeiro de 1616.¹ Dispõe de um espaço bastante rico para o estudo de diversas manifestações religiosas por apresentar problemáticas passíveis de reflexões, proporcionando condições para construção de temáticas e enfoques que podem ser sistematizados na situação da pesquisa. Isso acontece por ser um campo permeado de riquezas culturais, com problemáticas sociais e de investigações acerca dos aspectos simbólicos que envolvem o imaginário coletivo rico e diversificado dos vigienses.

O interesse que condiz a problemática da pesquisa se deu através da curiosidade plantada no cotidiano em relação ao predomínio da arte sacra no Norte amazônico, expressão de sentimentos que condiz aos valores religiosos através da forte repercussão em volta de um fato acontecido há quarenta e quatro anos em relação a um furto ocorrido em uma madrugada de 10 de fevereiro de 1977, em que Vigia, conhecida como a “cidade que não dorme”, adormeceu.

¹ Informações de cunho territorial e data de fundação da cidade são baseadas em dados do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística do ano de 2010.



As imagens furtadas em Vigia referiam-se a Nossa Senhora de Nazaré e de São Luís Gonzaga, envolvendo a população de forma profunda, parando a cidade, em que os pescadores já não saíam para a pescaria e os comerciantes não abriam as portas, enquanto não tivessem as imagens de volta, tendo o caso grande repercussão na imprensa nacional, contando com um incessante trabalho de investigação policial, apoiado por inúmeras pessoas solidárias à causa, com até recompensa oferecida para quem prestasse informações sobre tal paradeiro. Após o roubo da santa e do santo, os verdadeiros “exércitos” e comitivas dos diversos setores da sociedade, mobilizam-se em busca de seu símbolo sagrado, busca essa que se estendeu por diversos municípios das regiões vizinhas. Depois de quatro dias de muita procura pelo povo vigiense, foram achadas, em 14 de fevereiro, as imagens de Nossa Senhora de Nazaré e a de São Luís, no município de Ananindeua. A imagem da santa tinha sido deixada em um fundo de quintal. Já a imagem de São Luiz Gonzaga, que era de massa, foi jogada em um córrego, e se decompôs.²

Quando a imagem da santa regressou à Vigia, em 14 de fevereiro, o povo se reuniu, com uma imensa corrente gerada numa madrugada de festa, fogos, procissões e até missa celebrada pelo pároco da época, o Padre Manfred Knosala. A partir daí essa data passou a ser a comemoração ao “dia do achado da Santa”. Ou seja, em 1977, a igreja matriz de Vigia sofreu o mais conhecido assalto de sua história. O dia 14 de fevereiro virou feriado municipal e entrou para os anais da história Vigilenga.

Embora seja um fato conhecido e muito presente na vida do povo da cidade de Vigia, são escassos, porém, os trabalhos que tem voltado as suas atenções à análise dessa temática. Nesse sentido, acredita-se que essa pesquisa poderá identificar alguns pontos tendo em vista o campo dos estudos sobre o assunto, observando os indivíduos, como lidam com os casos de furto de patrimônio sacro, de forma física ou verbal, e como isso pode proceder para a vivência do mesmo na sociedade é o ponto principal, que alimentou essa pesquisa.

1. Caminhos metodológicos

O caminho percorrido até a elaboração dessa pesquisa que aqui apresento, está orientada com os seguintes passos: a revisão da bibliografia sobre o assunto estudado tendo base na disciplina Epistemologia das Ciências da Religião

² As respectivas datas e fatos vinculados ao furto das imagens em questão foram fornecidos pelo documento Fragmentos de uma História que se encontra exposto no museu municipal de Vigia.



ocorrida no segundo semestre de 2020, em seguida houve a análise e discussão dos resultados. É importante informar que o processo de elaboração desse trabalho e seu refinamento iniciaram na cidade de Vigia. A primeira vez que falei com os informantes sobre a possibilidade de participarem da pesquisa ocorreu quando conversei com o sacristão da igreja que me sugeriu algumas pessoas. Dirigi-me à residência de um senhor, que já havia me falado do ocorrido ao longo da vida, e aproveitei para fazer o convite para que pudesse participar da pesquisa, mostrando o meu interesse em escrever sobre o roubo das imagens.

A metodologia qualitativa foi utilizada por mim, pois assume um carácter descritivo no sentido de compreender as narrativas dos protagonistas com base nos seus pontos de vista, experiências e concepção do real, ou melhor, compreender valores, crenças, motivações, sentimentos e seus respectivos significados. Ainda nessa esteira escolhi a mesma metodologia, por esta permitir abordar a realidade social de uma maneira conjuntural, abarcando ao longo deste processo quer as dimensões do social, do contexto histórico-cultural, quer as dimensões da subjetividade dos atores.³

Como afirmara Pollak,⁴ a memória tem sido usada em combinação com as técnicas ou instrumentos de observação que permitem ao investigador alcançar as informações desejadas com o máximo de profundidade, tendo um número reduzido de interlocutores. Ademais, a abordagem qualitativa de um problema, além de ser uma opção do investigador, justifica-se, sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenómeno social. Segundo o mesmo autor, os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem analisar a interação, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais.

Como método de procedimento, utilizei o estudo de caso, pois trata de uma abordagem metodológica de investigação adequada quando procuramos abordar o fenómeno no contexto de real situação. O estudo de caso é também considerado uma metodologia qualitativa de estudo, pois está direccionada em obter generalizações de estudo e nem tem preocupações fundamentais com tratamentos estáticos e quantificações de dados em termos de representações ou de índices. Assim, pode-se realizar um estudo de caso tipificando um indivíduo, uma comunidade, uma organização, um bairro comercial etc., para identificar as percepções e representações sociais.

³ POLLAK, M., Memória e identidade social, p. 200-215.

⁴ POLLAK, M., Memória, esquecimento, silêncio, p. 3-15.



Como técnica de coleta de dados, adotei a história oral, pois ela parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e em seguida oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante.⁵ Assim sendo, optei pelas entrevistas com um roteiro utilizado apenas para dar uma direção, com a intenção de ouvi-los o máximo possível, uma vez que este tipo de instrumento permite ao investigador se aproximar da realidade estudada e obter informações com maior profundidade e, ao longo das entrevistas, pode esclarecer certas dúvidas que fossem surgindo. A escolha do grupo alvo, constituído por quatro pessoas, foi baseada em informantes-chaves. Como a pesquisa é qualitativa, não se baseia no critério numérico para garantir a sua representatividade, apenas na vinculação dos sujeitos sociais, mais significativos para o problema investigado.

O trabalho de campo ocorreu na cidade de Vigia, em quatro casas localizadas no centro da cidade. Ela teve duas etapas que se complementam: a teórica que consistiu na pesquisa bibliográfica que existe sobre o assunto; a prática, que consistiu no trabalho de campo. O material coletado em pesquisa de campo foi composto pelas entrevistas realizadas em dois momentos: o primeiro ocorreu entre novembro e dezembro de 2020; o segundo entre janeiro e fevereiro de 2021 na cidade de Vigia. A pesquisa foi realizada em três etapas: na primeira, procurei me aproximar mais das casas onde eles residem fazendo visitas (onde tenho acesso pelo vínculo parental) no turno da tarde, com o intuito de ganhar certa confiança dos mesmos, conversando sobre assuntos diversos e informais. Na segunda etapa, procurei localizar as residências de origem para, em seguida, combinar a data para realizar as entrevistas. Nesse processo, expliquei que estava construindo o trabalho solicitado na disciplina e que as entrevistas se destinavam a fins acadêmicos.

A fim de preservar a identidade dos entrevistados, pedi para estes escolhessem nomes fictícios que gostavam para colocar no lugar dos seus nomes verdadeiros. Na terceira etapa, foram realizadas as entrevistas com os que aceitaram fazer parte deste estudo. A duração das entrevistas variou de uma hora (1h) até uma hora e meia (1h30). As entrevistas ocorreram em suas residências. Vale ressaltar que combinamos de manter o distanciamento necessário e utilizamos máscaras para nos proteger conforme a organização de saúde recomenda. No intuito de ressaltar algumas informações relevantes para melhor compreensão dos protagonistas da pesquisa, foi construído o quadro a seguir:

⁵ POLLAK, M., Memória e identidade social, p. 200-215.

Tabela 1 – Informações sobre os informantes cedidos durante as entrevistas.

Nome	Localidade de origem	Ano de nascimento	Idade que vieram para vigia	Idade atual
Roberto	Vigia-PA	1941	-	80 anos
Maria	Belém	1961	10 anos	60 anos
João	Tomé-Açu - PA	1963	13 anos	58 anos
Padre José	Castanhal	1981	34 anos	40 anos

Fonte: Elaborada pela autora com base na pesquisa de campo.

Na maioria das vezes as entrevistas ocorreram nas casas onde estão residentes, em que foram estabelecidas as modalidades para as mesmas ocorrerem e com a utilização de máscaras, juntamente com distanciamento necessário. Essas modalidades preconizavam a interrupção das entrevistas quando os outros parentes quisessem que fizessem alguma tarefa momentânea; findo a atividade, retornavam e a entrevista prosseguia.

2. Narrativas envolvendo a memória social e o compartilhamento da fé

É importante destacar o estudo acerca das narrativas que se faz importante para compreender a significação dos bens culturais móveis através das expressões culturais de uma sociedade que se reflete numa diversidade de formas e maneiras, como a literatura, as festas e tradições regionais que são referências materiais na identidade cultural de uma localidade, em grupos sociais, e revestem-se de significados materiais e imateriais, ressaltando que o caso que envolve furto sacro possibilita a identificação de situações novas a serem observadas, considerando novos atores a serem entrevistados, bem como outras fontes a serem consultadas.⁶

Para explicar algo humano, tanto uma crença religiosa, moral, preceito jurídico ou de um regime econômico, é preciso começar pelo mais simples, mostrar como se desenvolveu as complicações de cada época até o momento considerado em que o indivíduo esteja inserido, considerando o contexto no qual é participante, na pluralidade de todas as religiões que em certo sentido são espiritualistas. O mal e o bem estão em continuo combate, à justiça reina como soberana, num sonho em que os homens acalantam suas ideias para o belo, que vêm das profundezas do ser, sendo realista à sua maneira,

⁶ ALENCAR, E., Introdução à Metodologia de Pesquisa Social, p. 3-10.



proporcionando uma reflexão aprofundada sobre o papel dignificante das sociedades que cultuam uma divindade, dando oportunidade de visualizar por outra ótica, no qual, regem os indivíduos, que pautam a vida no acreditar, motivadores particulares misteriosos que cabem à contínua investigação: pois as verdades estão em metamorfose. Nesse contexto há o relato de Dona Maria:

Nos dias que sucederam o furto da imagem, a nossa família, sob minha orientação, realizou pequenas romarias, saindo de nossa residência para a Capela do Bom Jesus, e houve outra com percurso maior e maior número de pessoas. Na terceira noite tive um sonho no qual via em Ananindeua, na porta de uma mercearia, a imagem de Nossa Senhora. Acordei angustiada. Que fazer? Entrei em contato com o Meireles, em Belém, com o deputado estadual Cesar Franco. Pela tarde do mesmo dia, alguém entrou em contato com a polícia, indicando o local que poderia encontrar a imagem de Nossa Senhora. Efetivamente no local onde tinha tido o sonho, ali estava a imagem em estado lamentável: cabelos arrancados, manto ensopado e embrulhada em um jornal. A imagem de São Luís foi encontrada perto de um igarapé, semidestruída. Partindo de Ananindeua, vindo em caminhão do senhor Antônio Santos, o Dr. Cesar e eu. Dentro da carroceria, junto à cabine, minha irmã segurava a imagem de Nossa Senhora que vinha sobre a capota do caminhão até chegarmos à Vila de Santa Rosa, onde grandes números de devotos esperavam pela chegada da santa imagem. Não deixei que a fotografassem. Querendo deixar a imagem com a aparência natural, desloquei-me juntamente com o padre Manfredo até esta cidade. Ele, para trazer o manto, e eu, para encontrar crianças com cabelos cacheados. Encontrei a cabeleira de algumas crianças. Com cuidado e paciência, fiz a reposição dos cabelos e finalmente a colocação do manto estava pronta para voltar para a igreja. Partimos da Vila, e por volta das duas da madrugada de 14 de fevereiro chegamos ao canto do cemitério onde uma multidão estava a sua espera. Nas mãos do deputado Cesar Franco, foi apresentada aos fiéis, prosseguindo em procissão até o canto da Suburbana, onde foi colocada em sua berlinda. E daí, para a igreja matriz, com a bênção da imagem pelas mãos do vigário a todos os presentes.

De acordo com as evidências encontradas no discurso e nas fotografias os significados para os seres humanos podem ser um enigma completo para outro ser humano, pois não compreende-se o povo, ainda que conheça-se seu idioma. Weber⁷ afirma que o homem é um ser amarrado em teias de

⁷ WEBER *apud* CLIFFORD, G., A interpretação das culturas, p. 4-15.

significados que ele mesmo teceu, sendo a cultura, portanto, uma ciência interpretativa, em busca do significado em que o comportamento é uma ação simbólica com o fluxo do comportamento fazendo com que as formas culturais se articulem e mostram o significado que emerge do papel que desempenham. A cultura é pública porque o significado o é. No estudo da cultura, os significantes não são sintomas ou conjunto de sintomas, mas atos simbólicos e o objetivo não é a terapia, mas a análise do discurso social levando em consideração o sagrado e o profano como duas modalidades de ser.⁸



Imagem 1: PROVINCIA DO PARÁ. **Homens nas buscas das imagens furtadas.** 1977. 1 fot., preto e branco, 3,48 cm x 4,86 cm.



Imagem 2: PROVINCIA DO PARÁ. **Imagem roubada de Nossa Senhora de Nazaré quando reencontrada.** 1977. 1 fot., preto e branco, 3,5 cm x 4,7 cm.



Imagem 3: PROVINCIA DO PARÁ. **Imagem de Nossa Senhora antes da celebração do “achado” em 14 de fevereiro de 1977.** 1977. 1 fot., preto e branco, 3,48 cm x 4,8 cm.

Essas fotografias foram encontradas durante visita a Sociedade Literária Cinco de Agosto cedidas para pesquisa. Mostram alguns momentos importantes das buscas em torno das imagens roubadas. Dessa forma entende-se que ao longo período de predomínio do catolicismo no Brasil, e em especial no Norte amazônico, a arte sacra expressa sentimentos, pensamentos e valores religiosos. Estátuas, templos, altares e peças litúrgicas integram a estrutura do catolicismo em seus dias de religião hegemônica e majoritária.⁹ No período conhecido como barroco, muitas das peças do culto eram confeccionadas em ouro e prata, muitas imagens continham esses dois metais.¹⁰ As ordens religiosas competiam entre si para alcançar reconhecimento de poder religioso. Carmelitas, franciscanos,

⁸ ELIADE, M., O Espaço Sagrado e a sacralização do mundo, p. 17-37.

⁹ ETZEL, E., Imagem Sacra Brasileira, p. 5-15.

¹⁰ OLIVEIRA, M. A. R., Barroco e Rococó nas igrejas do Rio de Janeiro, p. 10-20.



jesuítas e outras ordens procuravam os melhores artistas para que elaborassem imagens de santos e santas, pinturas, esculturas e outras peças sagradas.

Sabe-se que em todo o Brasil, os templos católicos tornaram-se objeto da cobiça de muitos: o furto e o roubo de peças religiosas, que carregam muito significado para os fiéis católicos, são constantes e um grave problema. No Pará, território com intensa e marcante presença do catolicismo, suas cidades mais antigas contêm, ou continham, preciosidades, imagens sacras muito valorizadas, seja pelo estilo, pela autoria, pelas características artísticas e religiosas. Os templos mais antigos e tombados são os mais visados pelos ladrões por conterem imagens preciosas e cobiçadas no mercado negro internacional de arte sacra. Muitas questões estão envolvidas: a proteção e segurança das igrejas, as políticas públicas de valorização do patrimônio, porém, os estudos em geral não enfocam os sentimentos da comunidade religiosa afetada.

Maués¹¹ conta que Nossa Senhora de Nazaré é a padroeira do município de Vigia, sendo considerada a santa padroeira dos paraenses, tendo também uma grande importância na Amazônia, como em Belém, que é um dos principais centros de devoção mariana no Brasil, sede do famoso Círio de Nazaré, que se realizam todos os anos no segundo domingo de outubro, sendo que a devoção a Nossa Senhora de Nazaré teve origem em Vigia. Por isso, em todo o município, inclusive em Itapuá, é muito forte a devoção a essa santa, considerada muito poderosa e milagrosa. As promessas dirigidas a Nossa Senhora de Nazaré são inúmeras, sendo essa santa muito invocada pelos pescadores que se encontram em perigo no mar.

Nesse viés pude fazer uma observação sobre o local, que contém uma vasta nave central, com nichos nas laterais que guardam diversas imagens, algumas barrocas e outras em demais modelos. Há no altar principal o monumento de Cristo Crucificado, sendo este talhado em uma peça única em madeira; e na lateral, permanece Nossa Senhora de Nazaré que foi roubada em 1977, visitada constantemente por seus fiéis que se dirigem até ela para rezar.

Em outra residência encontrei o senhor Roberto, onde pude cumprimentá-lo e entre as conversas toquei no assunto sobre o roubo que houve na igreja há mais de quatro décadas e ele contou que vivenciou o fato quando era mais jovem. A cidade parou e todos pensavam que os que roubaram N. Sra. de Nazaré poderiam ser castigados. Foi um desespero muito grande na região, mas a mesma foi encontrada junto a outro santo. Ao falar sobre o acontecido explica quem são as pessoas que estão nas fotografias e se emociona ao dizer:

¹¹ MAUÉS, R. H., Um aspecto da diversidade do caboclo amazônico, p. 259-274.



A cidade estava em pânico, o povo chorava, mas permanecíamos unidos pedindo a Mãe Santíssima para que voltasse ao lar. A gente soube que o autor do crime, conhecido como João Bragança, tinha entrado no templo santo, junto com dois companheiros, durante uma chuva forte, que caía pela madrugada daquela quinta-feira e levou a imagem da Santa e de São Luís Gonzaga com a intensão de um suposto tesouro escondido nas imagens.

Nesse sentido, a contextualização é fundamental para relevar tudo àquilo que a princípio pode parecer óbvio ao olhar dos que estão do lado externo a situação, mas não na percepção das pessoas que estão imensas nessa situação, numa tentativa de transportar-se para o seu mundo e entender através deles o próprio mundo e entender seu poder simbólico.¹²

Seguindo a indicação do Seu Roberto, dirigi-me à residência do senhor João, de 80 anos, para tentar conversar sobre o fato, e ele ressaltou que participou das investigações na época e mostrou um jornal que guarda até os dias atuais sobre o furto. Seu João relata que:

Os pescadores já não saíam para o mar e os comerciantes não abriam as portas, enquanto não tivessem as imagens de volta. O caso teve grande repercussão na imprensa nacional, contando com um incessante trabalho de investigação policial, apoiado por inúmeras pessoas solidárias à causa, com até recompensa oferecida para quem prestasse informações sobre tal paradeiro.

Através do contextualizar é possível considerar todas as raízes de uma árvore, que durante muitos anos foi crescendo e se desenvolvendo para garantir também o crescimento e desenvolvimento da mesma, aquela que é visível aos olhos, mas poderia não ser nada se não fossem as raízes que a sustentam e lhe dão firmeza. Apesar de possuírem tamanha importância, não são visíveis em um primeiro olhar, sendo necessário uma conversa profunda e contínua para compreender suas percepções, considerando as formações de dimensões territoriais, sociais, culturais e econômicas para verdadeiramente entender a pluralidade dos pensamentos dos protagonistas de suas histórias, através das experiências vivenciadas e o que tange seus significados simbólicos ao que consideram divino.

¹² MAUÉS, R. H., Um aspecto da diversidade do caboclo amazônico, p. 259-274.



Imagem 4: PROVINCIA DO PARÁ. Notícias nos principais jornais paraenses da época sobre o roubo das imagens em 1977. 1977. 1 fot., preto e branco, 4,56 cm x 12,8 cm.

Observa-se nas imagens que o patrimônio sacro é gerado num contexto litúrgico. Há, contudo, uma dimensão artística, histórica e cultural que importa preservar, sem prejuízo do seu referencial religioso. Por isso, embora com ritmos diferentes, as diversas entidades que custodiam estes bens têm vindo a promover ações para a sua salvaguarda e valorização, cada uma a seu jeito, isoladamente ou em parceria, e mediante os recursos de que dispõem ou conseguem granjear com os bens culturais da igreja, enquanto expressão da tradição cristã vivida por numerosas gerações de crentes constituem um patrimônio entregue à responsabilidade da Igreja, da sociedade e do Estado, que o investigam, defendem e valorizam para transmitir às gerações vindouras, no âmbito das respectivas competências.¹³

É importante destacar que o roubo a igrejas coloniais é recorrente e reconhecido como um delito “tradicional” contra o patrimônio cultural brasileiro. Apesar da mudança na orientação do gosto da sociedade, que passou a valorizar outros tipos de bens culturais e, frente à vulnerabilidade e o risco de múltiplos acervos, os bens de arte sacra continuam sendo furtados. O aumento dos delitos em outras áreas foi complementar e não concorrente aos furtos de bens em igrejas coloniais, com a agravante de que os crimes contra o patrimônio cultural sacro não tiveram a mesma repercussão dos delitos proferidos contra outras instituições culturais.¹⁴

Nesse sentido, aconselha-se para a concepção de relações e inventários a contratação de um conservador, bem como de outros especialistas, sem,

¹³ COSTA, T. P.; ROCHA, J. S., A incidência da receptação e do tráfico de obras de arte no Brasil, p. 263-282.

¹⁴ KNAUSS, P., Atualidade do patrimônio, p. 175-185.



todavia, descuidar a formação do clero nestas matérias. Apelava-se ainda para a idoneidade das intervenções de restauro, sempre acompanhadas de estudos prévios e documentação continuada, buscando o prolongamento da utilização dos bens conforme a primitiva finalidade ou, pelo menos, compatível com o seu carácter religioso quando a alteração de uso não fosse evitável. A defesa do patrimônio, todavia, não podia ser um exercício passivo e teria de avançar para a sua valorização ativa, criando condições para a apreciação cultural, a identificação ou documentação histórica, e para ser instrumento de formação e cultura. Possibilitar a fruição constituiria a ação mais importante, pois os objetos e espaços seriam usados conforme as suas finalidades próprias ou recolhidos os espécimes de valor artístico ou histórico em museus e arquivos abertos à consulta e estudo, contribuindo, desse modo, para o avanço da ciência e do melhor conhecimento da comunidade. Os locais de culto religioso seriam testemunhos de um passado secular, construindo através da acumulação de vestígios e conquistas, uma imagem da identidade humana. Nesse contexto, Pe. José descreve suas percepções em volta do caso, declarando:

Fiquei sabendo que existia essa festa quando vim fazer pastoral entre 2009 e 2010. O primeiro momento foi marcado por uma alegria em ter o privilégio de presenciar tamanha devoção à padroeira da cidade. O povo demonstra ser mariano, dando grande importância em relação ao autêntico amor. Nossa Senhora de Nazaré é ícone de fé principalmente no contexto paraense. Nada mais justo de ter toda essa honra a tal ponto de ser chamada de rainha da Amazônia. Me chama atenção às festas que significam uma proteção ao povo como o círio em Belém e romaria de Castanhal. [...] Cada pessoa manifesta sua fé de forma singular. [...] Acredito que a iconografia precisa de uma maior valorização, pois retrata a vida das pessoas no que condiz a fé, envolvendo a memória delas, sua subjetividade. Há uma banalização do sagrado que vai perdendo seu espaço na contemporaneidade, prejudicando a vida dos que creem. [...] As gerações compartilham esse fato ocorrido há quatro décadas a tal ponto que se tornou um ato público – feriado municipal, social, moral e antropológico, tanto que pessoas que nem viviam na época comemoram, são dados de fé.

Através desse relato fica evidente o valor, como balizas testemunhais de outros tempos, sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade redefinindo sua identidade e sua história, com o significado simbólico da peça sacra, o que ela representa para a sociedade, bem como o que sua ausência



pode suscitar¹⁵ analisando este vínculo que a comunidade possui com o referido bem, com a identidade num processo incessante de construção/reconstrução, e é fruto da interação das sociedades. Ela é sempre uma construção que ocorre no presente, porém sua raiz se encontra no passado. Um passado que, através desse fetiche de identidade, é reconstruído no presente.

A importância colocada como primordial para relativizar é essencial, ver que as verdades da vida são menos uma questão de essência do que uma questão de posição. De modo geral, uma coisa é verdadeira não em si mesma, mas a partir do grupo; e não há uma verdade, mas verdades. Há que se perceber as verdades como posições e não como algo válido para todos e para sempre, uma coisa vale pela posição que ela ocupa em determinado grupo social, com as pessoas que dela participam ou compartilham. Somente aí se consegue ver um ato ou símbolo não como algo absoluto, mas no contexto em que ele acontece, um mero ato pode ser analisado como agressão numa cultura e como heroísmo noutra, podendo o mesmo ato ser positivo e negativo, em culturas diferentes, como no caso de roubo de pertencimento a comunidade.¹⁶

Pode-se entender a simbologia religiosa como uma linguagem, uma comunicação, um modo pelo qual homens e mulheres se comunicam entre si e com entidades que fazem parte de seu mundo. Está no campo da expressão, da comunicação, portanto da cultura. Religião é um conhecimento. É uma forma de conhecer o mundo. É uma determinada visão de mundo, socializada dentro de determinado grupo social. Enquanto linguagem há no patrimônio sacro um sistema de significados, onde diferentes elementos ganham organicidade e relação. Enquanto sistema de significados, determinada entidade, rito ou símbolo só ganha significado dentro de determinado grupo e sistema de religião. Por exemplo: a pedra. Para os muçulmanos, é como o centro do mundo; para os judeus, as pedras podem lembrar o Muro das Lamentações; para os católicos, podem ser símbolo dos pecados, mas também da Palavra de Deus, a rocha sobre a qual se constrói a vida, dependendo dos conceitos vigentes na vivência cultural das diversas multiplicidades.

Knauss¹⁷ faz uma ligação entre os bens culturais alvo de crimes e os associa a uma mudança de gosto na sociedade contemporânea, que valoriza múltiplos objetos, inclusive aqueles elaborados em série que não afirmam excepcionalidade ou marca autoral. Segundo o autor, o elo entre os múltiplos e

¹⁵ KNAUSS, P., Atualidade do patrimônio, p. 175-185.

¹⁶ COSTA, T. P.; ROCHA, J. S., A incidência da recepção e do tráfico ilícito de obras de arte no Brasil, p. 263-282.

¹⁷ KNAUSS, P., Atualidade do patrimônio, p. 175-185.



variados tipos de bens que se encontram em risco consiste no fato de todos possuírem como característica o valor no mercado de artes.

Os motivos de furto são inúmeros e em alguns casos estão atrelados aos que lá frequentam, no intuito de vender os artificios de ouro e também outros pertences em prol de lucro financeiro ou talvez até mesmo por pessoas que comparecem constantemente nos estabelecimentos religiosos, que por diversos motivos se agradam de determinadas peças e levam consigo, concretizando furtos. Por isso se faz necessário analisar detalhada e objetivamente como se revelam essas produções relativas à população sob a ótica da omissão de muitas situações, nas diferentes formas de abordagens, seja ela social, histórica, cultural materializada, nas diversas modalidades de pesquisa existente, desde sua criação.

As pessoas que possuem fé ficaram extremamente decepcionadas por conta dos furtos e repassaram as gerações o fato para que pudessem zelar mais pela igreja e seus bens em prol do considerado sagrado para os seus e estes aderiram os ensinamentos e também influenciando a veneração simbólica. As relações entre fieis e patrimônio sacro podem ser fecundas, no conjunto de expressões que contribuem na compreensão, expressão e vivência da fé. Quando se identifica a fé com o arcabouço das religiões, há um verniz cultural religioso, identificando-a com algumas práticas e expressões; pode igualar e ligar a prática da fé, sentido e objetivo, despojando cadeias das flores imaginárias, não no intuito de que o homem arraste cadeias sem fantasia, mas para que rejeite as cadeias e colha as flores vivas, considerando as crenças do indivíduo para que ele pense, a partir de sua realidade.

Conclusão

De acordo com a execução da pesquisa levantada a partir de entrevistas, fotos e vídeos, com os assuntos vinculados ao valor cultural, material e simbólico em volta do furto das imagens roubadas em Vigia na década de setenta, foi possível entender distintas percepções, ocorrendo um sentimento difundido no que diz respeito aos aspectos provenientes de assuntos pouco debatidos, mas que se faz visível no dia-a-dia com o grau de convivência entre os indivíduos. Destaca-se seus modos de vida e como são ensinados a lidar com tais aspectos, com ênfase envolvendo a fé, valendo do processo de convivência diária, também observando as concepções culturais, políticas e econômicas dos envolvidos que participaram deste momento.



A pesquisa possibilitou um contato mais próximo à realidade, onde foi possível visualizar as características e pormenores descritivos, com as mais diversas impressões e emoções tanto na análise como nas falas, sendo uma experiência inovadora e pertinente ao universo social. A experiência gerou grande aprendizado, acrescentando um conhecimento a partir dos indivíduos, sendo o aprendizado fundamental tanto de cunho acadêmico, como também laços que perpassam a pluralidade de saberes do cotidiano da sociedade, de extrema importância para as ciências da religião. O laboratório está implícito nas situações mais variantes possíveis, significando que a realidade é o objeto de estudo do cientista, que busca compreender o indivíduo na sua coletividade, onde o ser humano está associado e organizado, no contexto em que a sociedade está envolvida.

Foi possível entender a urgência de trazer à tona essas experiências sociais guardadas na memória dos indivíduos para alargar o presente e criar a possibilidade de construção de novos caminhos. A partir do respeito às diferenças nos modos de contar suas histórias, em que podemos visualizar novos horizontes em torno de seus sentimentos, mesmo em meio a tantas desigualdades, ainda há resistência de humanos que compartilham suas vivências, servindo de aprendizado, não de forma universal, mas ressaltando a singularidade dos plurais: como a peculiaridade da fé do povo de Vigia intitulado popularmente “de Nazaré”.

Referências bibliográficas

ALENCAR, E. **Introdução à Metodologia de Pesquisa Social**. Lavras: UFLA, 1999.

CLIFFORD, G. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC-Livros Técnicos e Científicos Editora, 1989.

COSTA, T. P.; ROCHA, J. S. A incidência da receptação e do tráfico ilícito de obras de arte no Brasil. **Revista do Curso de Direito**, v. 4, n. 4, p. 263-282, 2007.

ELIADE, M. O Espaço Sagrado e a sacralização do mundo. In: ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 17-37.

ETZEL, E. **Imagem Sacra Brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1979.

KNAUSS, P. Atualidade do patrimônio: entre a celebração dos 70 anos do IPHAN e os roubos de bens culturais. **Cidade Nova JCR**, v. 1, p. 175-185, 2007.



MAUÉS, R. H. Um aspecto da diversidade do caboclo amazônico: a religião. **Estudos Avançados**, v. 19, n. 53, p. 259-274, 2005.

OLIVEIRA, M. A. R. **Barroco e Rococó nas igrejas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPHAN/MONUMENTA, 2008. v. 1.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista estudos históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PROVINCIA DO PARÁ. **Homens nas buscas das imagens furtadas**. 1977. 1 fot., preto e branco, 3,48 cm x 4,86 cm. Fonte: Acervo da “Sociedade Literária Cinco de Agosto”, 2021.

PROVINCIA DO PARÁ. **Imagem de Nossa Senhora antes da celebração do “achado” em 14 de fevereiro de 1977**. 1977. 1 fot., preto e branco, 3,48 cm x 4,8 cm. Fonte: Acervo da “Sociedade Literária Cinco de Agosto”, 2021.

PROVINCIA DO PARÁ. **Imagem roubada de Nossa Senhora de Nazaré quando reencontrada**. 1977. 1 fot., preto e branco, 3,5 cm x 4,7 cm. Fonte: Acervo da “Sociedade Literária Cinco de Agosto”, 2021.

PROVINCIA DO PARÁ. **Notícias nos principais jornais paraenses da época sobre o roubo das imagens em 1977**. 1977. 1 fot., preto e branco, 4,56 cm x 12,8 cm. Fonte: Acervo da “Sociedade Literária Cinco de Agosto”, 2021.

Rafaela do Socorro Moraes Favacho

Graduanda em Ciências da Religião no Centro Universitário Cidade Verde
Belém / PA – Brasil
E-mail: rafa.moraes25@hotmail.com

Recebido em: 28/02/21
Aprovado em: 07/05/21